



POEMAS REBELDES VOL.2

AUTOR: LETTERIO SANTORO

BIBLIOTECA APEG – GARÇA-SP. DEZEMBRO 2016



REDES SOCIAIS

@associacaodepoetaseescritoresdegarca

@tirasfido

@minhahistoriaapeg



SITES

www.apegletras.blogspot.com

www.minhahistoria.rf.gd

ASSOCIAÇÃO DE POETAS E ESCRITORES DE GARÇA (APEG)

Criada em 16 de janeiro de 2005, numa tarde de um domingo chuvoso, na sede da Associação de Aposentados e Pensionistas de Garça durante a sua primeira reunião onde estavam presentes seus 11 fundadores: Afonso Cesar Caffer, Aparecido Pereira, Célia Regina Nogueira Izar, Danela Maria da Silva, Eliane de Santana Mina, Fagner Roberto Sitta da Silva, Jacira Machado, Juliana Kaori Nakata Albino, Letterio Santoro, Luiz Maurício Teck de Barros, Maria do Rosário Pedrazza Sêga e Sebastião Donizete Limpo.

Este grupo foi o marco inicial da Associação e do movimento literário do município, já que a idéia de sua fundação partiu da experiência trazida por uma criança de 11 anos que participava da APEM - Associação dos Poetas e Escritores de Marília. Com isso os poetas e escritores locais sentiram a necessidade de se agruparem também, numa associação aos moldes da que em Marília já tinha dois anos de atividades.

POEMAS REBELDES VOL.2



(Francisco – quadro de Alfredo Volpi, tirado da internet)

Autor: Letterio Santoro

BIBLIOTECA APEG – GARÇA-SP, DEZEMBRO 2016

EPÍGRAFES

“...que na doidice só consiste o siso.” *(Luiz de Camões)*

“...se não é siso um pouco de loucura.” *(Luiz de Camões)*

“...a piè del vero il dubbio;...” *(Dante Alighieri)*

“...che non men che saver, dubbiar m’ aggrata.” *(Dante Alighieri)*

“...libertà va cercando, ch’ è sì cara,
come sa chi per lei vita rifiuta.” *(Dante Alighieri)*

“ Nasci para ser... E conheci: ofício de destino meu, real, era o de não ter mêdo. Ter mêdo nenhum. Não tive! ” *(Guimarães Rosa)*

“Não tenhais receio do rei de Babilônia que tanto temeis.” *(Jer 42,11)*

“Eu sou mais forte do que eu.”
(Clarice Lispector, in Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres)

“Não sou meu sobrevivente, mas sim meu contemporâneo.” *(Murilo Mendes)*

“Eu quis acender o espírito da vida,
.....
Me rebelei contra Deus,
.....
Então o ditador do mundo
Mandou me prender no Pão de Açúcar:
.....
Mas não posso pedir perdão.”
(Murilo Mendes, in Novíssimo Prometeu)

“...sempre contente, nunca satisfeito!” *(Letterio Santoro, in Travessia)*

“Fui eu quem retirou vocês da terra do Egito

*e, através do deserto, guiei vocês durante quarenta anos,
a fim de os tornar proprietários da terra dos amorreus.” (Am 2,10)*

“...morir cuerdo y vivir loco.” (Cervantes, in Dom Quixote)

DEDICATÓRIA

A
todos (as)
os (as) rebeldes
de todas as idades e tempos
a expressar a sua indignação
contra todo tipo de opressão e injustiça.

PERFIL DO POETA

LETTERIO SANTORO, filho de Pasquale Santoro e Maria Teresa Mantuano Santoro, é italiano de nascimento (30.01.1940, em Fuscaldo, província de Cosenza), brasileiro naturalizado (1968) e garcense de coração (desde 29.12.1988, quando se mudou para cá). Em 1947, sua família, em função da guerra, emigrou para o Brasil, fixando residência no então Distrito de Entre Folhas, da gentil cidade de Caratinga, nas Minas Gerais, onde seu pai introduziu o sorvete. Em 1950, mudaram-se para São Paulo. O autor terminou o ensino primário em 1952, no Grupo Escolar Almirante Barroso, no bairro do Jabaquara, com a severa Prof^a Francisca Benedita Catão, que premiou uma reprodução sua sobre a Lenda do Miosótis com a transcrição no Livro dos Melhores Trabalhos.

Durante onze anos (de 1953 a 1964), estudou em Seminários Menores (ginásio e colegial) e Maiores (Filosofia e Teologia), depois dos quais cursou a Faculdade de Educação da USP à noite, e trabalhou durante o dia nos primeiros empregos. Casado com a artista plástica Judite Zago Santoro, tem dois filhos (Leonardo e Beatriz Zago Santoro) e três netos (Cauê, Maria Gabriela e Alice). Trabalhou durante 14 anos no SENAC/SP e 21 anos na FEBEM/SP (até 13 de abril de 2006). Aposentado desde 2003.

Embora escreva sistematicamente desde o final de sua adolescência em 1958, quando, nos silêncios do Seminário do Ibaté, S. Roque/SP, registrava, em Diário, suas observações e sentimentos, na verdade, só a partir de 1989 colabora efetivamente como poeta, cronista e contista em diversos jornais da cidade de Garça, de modo especial, ultimamente, na coluna Opinião do Comarca de Garça. Suas crônicas tratam basicamente de cidadania e da luta pela conquista dos direitos. De 1994 até agora, na Festa das Cerejeiras, distribui aos visitantes, com ou sem patrocínio de empresas locais, um poema diferente a cada ano. O que lhe mereceu oficiosamente em 2007, por parte de um grupo de artistas locais, o título de “Poeta das Cerejeiras de Garça.”

Cristão, esforça-se por viver a sua fé nas diversas comunidades de que participa. Pertenceu ao grupo de coordenação dos Casais em 2^a União da Diocese de Marília (entre 2000 e 2016), e à Pastoral da Comunicação (programas de rádio até 2016). É membro da Sociedade de São Vicente de Paulo. De agosto de 2007 a junho de 2015 frequentou semanalmente o Grupo de Estudos Bíblicos Santa Clara que ajudou a criar.

É filiado e militante do Partido dos Trabalhadores desde a sua fundação, tendo sido candidato a Vereador (em 1992, 2000, 2008, 2012 e 2016) e a Vice-Prefeito (1996). Gosta de Política como serviço à cidadania em busca do bem comum e não como poder sobre a população, frequentando sistematicamente, às segundas-feiras, as Sessões da Câmara Municipal de Garça desde 1989.

Apaixonado por literatura desde os tempos de colégio, onde colaborava com pequenas crônicas no jornalzinho interno Ecos da Tribuna, e participava de Círculos e Grêmios Literários, em 16.01.2005 ajudou a fundar a APEG – Associação de Poetas e Escritores de Garça. Vive hoje sob o signo da Poesia.

Em edições muito limitadas e a expensas próprias, o autor publicou os seguintes livros de poesia: Romanceiro de Garça (2005), seu primeiro livro; Travessia: década de 70 (2005); Travessia: década de 80 (2005); Travessia: década de 90 (2006); e Poemas do Jubileu (2006), organizado para comemorar as bodas de ouro do autor com a poesia (1956 – 2006); e em 2007 publicou O Eu Herói e Amor Plural, abrangendo a sua visão de amor sob diversos ângulos. Publicou ainda: Romanceiro de Garça (segunda edição revista e ampliada) (2008); Sonetos da Vida Inteira (2010); Lições das Cerejeiras – 1º vol. (2010), com a coletânea completa dos poemas distribuídos nas Festas das Cerejeiras em edição de bolso. Os livros Poemas para meu Povo: 2001-2005 (2010), e Poemas para meu Povo: 2006-2010 (2011) e Poemas para meu Povo (1989-2000) (2011) contêm os poemas publicados mensalmente na imprensa local. Ainda em 2011: Travessia (2001-2010), Lições das Cerejeiras – 2º vol., Livro de Haicais e Poemas de Natal. Em 2012 editou Poemas do Mar, Mãe-Terra (Poemas Ecológicos), Alma de Profeta (Poemas Religiosos), Antologia Poética, Elegias (Poemas sobre a Morte) e Momentos (Poemas da Infância e da Adolescência).

Em parceria com outros poetas locais participou da Antologia do Primeiro Encontro Poético em Garça (1997) e do livro Poetas Reunidos nº 1 (2006). Organizou até agora os livros das séries Poetas Reunidos (I a V) e Todos Cantam Sua Terra (I a III).

Vem editando a série de livros próprios, denominada Crônica do Cidadão (2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015), com crônicas semanais publicadas em jornais da cidade. Em 2010 começa a publicar pequenos contos, escritos na década de 70, enfeixados sob o nome de Divagações de Ulisses e Variações sobre o mesmo tema. Além

de Festa de Páscoa (uma história da Febem). Em 2011 publicou ainda Iniciação de um Menino Tímido e outras histórias. Com outros escritores da APEG, publicou a obra Crônicas Garcenses, versando sobre aspectos desta mui nobre e gentil cidade de Garça.

Em 1995 participou, com seu poema Zumbi dos Palmares, do livro Mil Poetas Brasileiros, organizado por Toni Carré (RS).

Em Garça concorreu algumas vezes do Projeto Raça, obtendo o seu poema Ladainha da Penitência o primeiro lugar. No Mapa Cultural Paulista, um poema seu (Construtor de Presépio) passou para a fase estadual, outro (Ousadia) participou da fase regional, um conto (A Imprevisível Madame T.) e duas crônicas (Aventura Inesquecível e Que é do Menino?) foram classificados na fase estadual, tendo sido publicados respectivamente nos livros do Mapa Cultural Paulista Literatura - Edição 95, Edição 2011-2012 e Edição 2013-2014.

De 2005 até o mês de setembro de 2016, o autor conseguiu publicar 48 (quarenta e oito) livros de sua própria lavra (Veja no final do livro a Cronologia da Obra de Letterio Santoro), além de ter organizado, geralmente a expensas próprias, 12 livros individuais e coletivos.

APRESENTAÇÃO

Foi no dia 12.08.2016 que decidi organizar meu novo livro, denominado Poemas Rebeldes. Gostei do título sob o qual publicarei certos poemas onde manifesto meu espírito rebelde.

O adolescente é rebelde por natureza; o adulto e o idoso podem ser rebeldes por opção. Eu me considero um rebelde por opção. Na velhice cabe bem me apresentar com esse espírito de rebeldia diante de meus concidadãos, especialmente o leitor.

Interessante eu buscar esses poemas rebeldes no âmago de meus livros já estampados há dez anos, mas escritos vários há mais de quarenta anos. Desde o primeiro da série Travessia (2005) até o último da série Poemas para meu Povo (2016). Portanto estou peneirando poemas rebeldes ao longo de minha vida. Até para provar meu inconformismo com a realidade dura e cruel com a qual nos conformamos vida afora.

Mas uma surpresa me flagrou, quando buscava uma figura para estampar na capa da obra. Descubro de repente um Francisco, de espantosa simplicidade, pintado por Alfredo Volpi, a significar, em óleo sobre tela, minha rebeldia expressa em arte literária. Francisco, homem do milênio, foi em sua humildade, em sua graça, em sua santidade, um dos homens mais rebeldes que houve no mundo, a exemplo de seu Mestre e Senhor Jesus Cristo, “rosto divino do homem” e “rosto humano de Deus”. Cristo. Francisco. Nós.

Gostaria muito que meus poemas rebeldes fossem tão radicalmente rebeldes quanto esse Francisco, de Alfredo Volpi.

Letterio Santoro

12.08.2016

Índice Dinâmico

41. Identificação– [p.10](#)
42. Glória– [p.12](#)
43. Pequeno elogio a humilde cidadã– [p.13](#)
44. A mãe– [p.14](#)
45. O brilho da estrelinha– [p.15](#)
46. Dia de São Sebastião– [p.16](#)
47. Meninos de rua– [p.17](#)
48. Oração de Moisés no alto do monte– [p.18](#)
49. Teseu e o monstro– [p.20](#)
50. A grande lição de Josefina– [p.22](#)
51. Um dia na vida de Ivan Denisovich– [p.23](#)
52. Resistência (1)– [p.24](#)
53. Super-ação– [p.25](#)
54. Ainda bem!– [p.26](#)
55. Greve geral– [p.28](#)
56. A causa– [p.29](#)
57. Criança Brasil– [p.30](#)
58. O soberano– [p.31](#)
59. Revolução (1)– [p.33](#)
60. Garra– [p.35](#)
61. Litania em louvor da poupança–[p.37](#)
62. Poema ecológico– [p.39](#)
63. Limitação – [p.40](#)
64. Judas macabeu– [p.41](#)
65. Combatentes– [p.42](#)
66. Zumbi dos palmares– [p.43](#)
67. Estatuto da criança– [p.45](#)
68. Ladainha da penitência– [p.46](#)
69. Reencontro – [p.49](#)
70. Consciência– [p.53](#)
71. Primeiro emprego– [p.55](#)
72. Soneto dos três irmãos– [p.56](#)
73. Construtor de presépios– [p.57](#)
74. Angelus– [p.59](#)
75. A casa de dona olga– [p.60](#)
76. Poema ao pequenino Cássio– [p.61](#)
77. Apelo ao leitor– [p.62](#)
78. Heroísmos– [p.64](#)
79. Obras de arte– [p.65](#)
80. Cena de sala– [p.66](#)

IDENTIFICAÇÃO

(À companheira Yvone)

Sou irmão de todo Abel que morre
às mãos sangrentas de qualquer Caim.
O sangue quente dele em minhas veias corre
para clamar vingança sem fim.

Sofro ao lado dos hebreus no Egito
esmagado sob a tirania de Faraó;
sobe aos céus, unido aos dele, o meu grito,
enquanto na terra ninguém nos tem dó.

Vou escravo também à Babilônia,
expulso de meu lar e de meu sonho,
reduzido o país a uma colônia,
e o que era alegre em mim ficou tristonho.

Falo e grito na boca dos profetas
contra a injustiça e contra a corrupção,
e sou preso com eles em cisternas infectas
pelos nobres governantes da nação.

Apodrecem minhas carnes no abandono
como as do pobre Jó entre os amigos:
meus olhos como os dele não têm sono,
quase temendo ainda outros perigos.

Assassinado sou ainda a cada dia
na calada da noite por Herodes tantos,
aos quais sempre entristece a alegria
dos inocentes e alegram-se de alheios prantos.
Deficiente sou e sou excepcional,
a escória do mundo em toda prostituta;
vivo fazendo o bem e recebendo o mal,
e a cruz é a recompensa dessa luta.

1986

GLÓRIA

Quem me dera nesta vida
ser apenas
um modesto Epimeteu:
de palavras esparzidas
compor poemas
que vivem livres ao léu.

E qual os filhos do mito,
independentes
pelos lares, pelas praças,
ora soltando seu grito
entre as gentes,
ora a sós mostrando a graça.

E eu, feito pai fecundo
de muitos filhos,
vou tornando efetivo
meu destino pelo mundo:
pelos trilhos
espalho vida e vivo!

30.09.1986

PEQUENO ELOGIO A HUMILDE CIDADÃ

“Foi um memorável exemplo...” (Tácito)

Quem te conhecia, digna Epicaris,
por essas ruas e bairros de Roma
nos tempos do tirano César Nero?

No entanto, percebeste de repente
que chegara o teu momento
de contribuir para a libertação de teu povo.
Tu te engajaste. E com palavras fortes
animavas os medrosos, e com palavras doces
procuravas novos conjurados.

Mas foi principalmente com teu silêncio
- descoberta a insurreição -
que permaneceste fiel a teus amigos e a teu povo
até à morte.

Eis o legado que deixaste à Humanidade!

23.04.1987

A MÃE

Louvo-te, ó Mãe de qualquer lugar ou tempo,
que renasces silenciosamente
quando a vida perdeu todo sentido
e tudo ao redor parece estar no fim!
Tu divisas ao longe, pouco a pouco,
por entre as densas névoas do caminho,
os primeiros sinais de um mundo novo.

Ao descobrir que o filho não é apenas teu
mas é irmão de tantos outros filhos
que a solidariedade te oferece,
tu vais, entre alegre e assustada, no encalço deles,
seguindo, Mãe, a estranha e dura trilha
que vai do medo inútil à coragem.

Não te surpreenderás então, por certo,
se os monstros do terror universal,
que se alimentam da injustiça e da opressão,
se desfizerem diante de teus pequenos atos
feito perigosa neblina ante os raios do sol.
E quando te dás conta, o silêncio
da muda e constante participação
provocará a grita de feridos interesses
que, como a teu filho e outros seus irmãos,
tentarão sufocar-te na garganta
o grito irreprimível da Liberdade.
E, todavia, ante o teu suave exemplo
outros filhos e outras mães te imitarão.
E verás, ó Mãe, que o impossível acontecerá!
1987

O BRILHO DA ESTRELINHA

As nuvens do egoísmo,
sopradas pelo vento da ambição,
voavam no infinito.
Enquanto se fazia escuridão,
perdia-se o sorriso.

E cada qual, sozinho,
descobriu-se afinal em desespero,
descrente do vizinho
que num canto resmunga o ano inteiro
sem rumo nem destino.

Mas eis que nossa vista,
numa nesga de céu, perdido, alcança
o brilho da estrelinha.
E brota em nosso peito uma esperança
que se torna alegria.

E não há quem resista
aos impulsos gentis da confiança
que dentro nos anima.
Saímos para a praça e para a dança
e cantamos a Vida.

1988

DIA DE SÃO SEBASTIÃO

Aí estás - amarrado
a esse tronco de árvore!
Aí estás - penetrado
de flechas por todo o corpo!
Aí estás, todavia,
não morto, mas sempre vivo!

Que é feito do Imperador
que te decretou a morte?
Teu comandante quem foi
que te entregou aos algozes?
Mas a tua ousadia
perdura por todo sempre!

O que um dia foi derrota,
o que foi loucura um dia
em ti glória se tornou:
acima de cargo e pompas
brilha a tua liberdade
da qual ninguém é senhor!

20.01.1988

MENINOS DE RUA

Não seríamos um grupo de meninos
a brincar pela praça
mas com receio dos meninos
da turma da rua de cima?

Só porque são maiores
assustam a gente com judiação!

Bastaria que um só de nós soltasse
o grito que tem preso na garganta
e o grupo todo avançaria sobre o opressor,
e acabaria a tirania.

Vou criar coragem.
Atirarei no silêncio do infinito
a raiva de meu grito!

11.02.1988

ORAÇÃO DE MOISÉS NO ALTO DO MONTE

“Eu a mostrei aos teus olhos; tu, porém, não atravessarás para lá.” (Dt. 34,4)

1.

Vejo, Senhor, dos altos deste monte
espraiada a meus pés, a rica terra
que outrora prometeste a nossos pais
- a vasta Canaã!

Eis a terra onde corre leite e mel,
pela qual suspiraram os antigos.
Parece um sonho e é realidade;
por ela te bendigo!

Meus pés não chegarão aonde chegam
meus olhos, mas os pés de nossos filhos
palmilharão por certo a nova terra
que nós conquistaremos.

2.

Alguns de nossos pais, Senhor, não criam
pudéssemos sair da escravidão
do Egito, e já saímos; ir além
do deserto cruel

onde tanta amargura padecemos.
Mas tudo já passou. Só resta agora,
por mais que os inimigos nos impeçam,
seguir em nossa marcha.

Não permitas jamais que nossos filhos,
ao sentir-se tranquilos no país,
pensem que a dádiva caiu do céu
e tudo veio pronto.

Que se lembrem, Senhor, de nossos mortos,
dos pais e irmãos que, acreditando em si,
buscaram ir além das circunstâncias
nas asas de seu sonho.

3.

Seja de todos igualmente a terra
onde trabalhem com as próprias mãos;
gozem todos de plena liberdade,
sejam todos irmãos!

Que bom imaginar todas as tribos
vivendo na abundância de suas casas,
em paz consigo mesmas e os vizinhos
na terra que nos deste.

Então, Senhor, os próprios inimigos,
além de nos temer, se admirarão
de ver teu povo forte, belo, bravo,
unido e independente.

4.

Perdoa a impaciência de querer
antecipar as coisas contra o tempo;
e perdoa o desânimo de muitos
de prosseguir na luta.

Ajuda-nos, Senhor, a não pensar
em nós mais que em teu povo; e não permitas
que ainda os filhos de Israel se prostrem
ante o bezerro de ouro.

5.

Posso, enfim, Senhor, morrer tranquilo
nos altos deste monte, por ter visto,
ainda que o não prove, o fruto bom
de todo nosso esforço! **03.03.1988**

TESEU E O MONSTRO

Enquanto o Minotauro
se esconde no segredo
de escuros labirintos,
todo mundo tem medo.

Alguém conhece o Monstro?
Alguém jamais lhe viu
o famélico rouco?
Mas todo ano as vítimas

lhe são sacrificadas.
Não se sabe o porquê.
Apenas se proclama
que alguém tem de morrer.

Resolve então Teseu,
que era moço valente,
com a Fera tremenda
haver-se frente a frente.

Porque não aceitava
que o seu povo fizesse
o que o Minotauro
por sua conta entendesse.

E, por entre o basbaque
de seus compatriotas,
Teseu prepara a arma,
e vai até a toca

do Monstro, e, cara a cara,
nos nós do desafio,
um frágil ser depara,
quando de perto o viu.

E viu um animal
acuado, e com tanto
ou mais medo da morte
que quanto ele inspirava.

E, no embate supremo,
corpo a corpo, com garra,
o herói o prostra aos pés
entre o grito e a lágrima.

Foi assim, com Teseu
e com seu desdém,
que o povo aprendeu
a não temer ninguém.

23.03.1988

A GRANDE LIÇÃO DE JOSEFINA

Eras um anjo de bondade
escondida entre muito companheiros.
Eras a mestra mais atenciosa
que os alunos jamais imaginaram ter.
Eras a exemplar subordinada
que cumprias as ordens ao pé da letra.

Aborrecias o que te indispusesse
contra a chefia e contra o empregador:
o Sindicato, por exemplo, como o aborrecias!
E pensavas e chegaste a proclamar
que afinal nos bastava o que nos vinha;
que afinal trabalhar era melhor
que ganhar um pouco mais de salário, lembras-te?
E olhavas com piedade maternal
para aqueles companheiros mais ousados
(e não duvido que por eles tu rezavas!)
quando partiam para as assembleias
em busca de melhores condições
para si e para quantos trabalhassem com eles,
inclusive para ti, bondosa Josefina.
Até que um dia, indiferente a tudo,
teu chefe te chamou e te entregou a carta
que pensavas apenas destinada aos outros,
principalmente a nós que íamos ao Sindicato.
E nesse dia, amável Josefina,
aprendeste a lição, a grande e dura lição
de que tudo vale aos olhos do patrão.

28.03.1988

“UM DIA NA VIDA DE IVAN DENISOVICH”

Não dura mais que um dia
nossa vida
neste campo de trabalhos
que é o mundo.

Quem sabe por que veio,
aonde vai,
quanto tempo dura a pena
e quando sai?

Tanto esforço e obediência
tanta aflição
apenas para ter
um naco de pão!

Uns maldizem esta vida
por ser assim.
Apesar de tudo, é possível
ser feliz?

03.05.1988

RESISTÊNCIA (1)

(A quantos lutam e morrem pela liberdade)

Um dia na Praça da Paz Celestial
brincava a liberdade
na boca, nos olhos, no gesto do povo
que, alegre, a praça invade.

Mas, súbito, os tanques de guerra se achegam
para esmagar o grito
de Vida, e espalhar em Pequim e no mundo
esse grito aflitivo.

Os olhos da Terra, porém, se espantaram:
tu, cidadão anônimo,
sozinho na frente dos tanques, resistes
inerte contra a força!

E o gesto teu, mudo, se torna um sinal
da grandeza do Homem:
é ele, tão frágil, que impede, hoje e sempre,
o avanço da barbárie!

30.06.1989

SUPER-AÇÃO

Tenho mãos ansiosas
por construir.

Tenho olhos que enxergam
mais adiante.

Tenho a mente voltada
ao infinito.

Não vou me acorrentar
ao dia-a-dia.

Apelo para mim:
solto meu grito!

1988

AINDA BEM!

Ao invés de ter seu filho
pelas escolas do Estado,
vai lhe dar o bom ensino
de escolas particulares.
De que lhe adianta lutar,
se a escola não vai mudar!

Ao invés das longas filas
lá nos Centros de Saúde
prefere ser atendido
em consultório com lustres.
Para que reivindicar
uma saúde exemplar?

Ao invés dos velhos ônibus,
apertados, mal - cheirosos,
gasta do seu mais um pouco
e use o próprio automóvel.
O transporte coletivo
tende sempre a piorar!
Ao invés de transformar
por dentro seu sindicato
não se filie jamais
e deixe o pelego intacto.
O sindicato afinal
nunca fez nada por nós!
Ao invés de batalhar
na revolução política
você começa a pensar
que não adianta a crítica.
Quando forem ao poder,
não serão todos iguais?

Ao invés de aqui ficar
neste País já sem jeito
tenta a outro se mandar
onde tudo é mais perfeito!
Pois se você for embora
por certo o País melhora.
01.08.1989

GREVE GERAL

Primeiro, apenas a palavra
- simples, sincera, firme, clara –
feito clarim anunciando a aurora.

Depois vêm os ecos da brisa
soprando no canavial
o fogo que a palavra provocou.

O espanto, enfim, pela ousadia
de pôr a palavra em ação,
pela força que em si desconhecia!

01.08.1989

A CAUSA

A Causa
feito estrela no céu
rebrilha.

Um raio
dessa luz me penetra
e excita

a alma,
o peito, o gesto, a força
- a vida!

E parto,
apóstolo da fé,
à lida:

pregar
uma revolução
no íntimo

das gentes.
E virão novos tempos
enfim!

Até lá,
ó Causa, ofusca a outros
e a mim!

17.10.89

CRIANÇA BRASIL
(Lição de um acidente)

Salve, imagem do Brasil,
que surges entre as ruínas
e avanças rumo ao porvir!

O país é um avião
que no ar perdeu a rota
e vagou sem direção

até que se espatifou,
à noite, contra a floresta
onde feriu e matou.

Mas clareia novo dia
e nasce nova esperança
entre pesar e alegria,

quando com vida e pujança
resgata-se ainda ileso
uma inocente criança.

Ao ver-te a sorrir intacta
em meio a tanta tragédia,
gentil criança, na mata,

quem não vislumbrou em ti
a graça dos novos tempos
para a criança Brasil?

1989

O SOBERANO

“Todo poder emana do povo... “ (Constituição Federal)

O povo é tão soberano
nas poucas ordens que dá
que nunca se viu engano
ao impor sua vontade.

Quase não usa palavras
para dizer o que quer;
basta apenas um sinal
e se faz logo entender.

Já antes e até depois
da ordem, os entendidos
dão suas explicações,
mas é a ordem que vige.

E ai de quem não lhe cumpre
o mandado. Cedo ou tarde
o soberano o confunde
com um fracasso sem par.

Pois há sempre os que se dizem
servidores, mas se servem
do povo, crendo-o imbecil
e fingindo-se fiéis.

Calmo é o povo, o povo é sábio,
aguenta tudo em silêncio.
Quando, porém, se declara,
desfaz todos os esquemas:
Ruem grandezas, elevam-se
desconhecidos. No pó
das moles inúteis nascem
diversas grandezas novas.

Vingado das traições
do passado, o soberano,
sempre seguro, propõe
novos tempos sem enganos.

24.11.1989

REVOLUÇÃO (1)

Um dia me convenci
e mudei minha tenção:
não aguardo pelos outros,
começo a revolução!

Junto-me a quantos na vida
sonham a grande ilusão
- de uma terra dividida
igualmente entre os irmãos,
- do trabalho para todos
criarem com suas mãos,
- da bendita liberdade
que todos buscando vão.

E partimos para a luta
com nossas forças que são
a força dos argumentos
sublinhados pela ação,
a consciência reforçada
por nossa organização.
Gostamos de olhar estrelas
mas com pés firmes no chão.
Lutamos contra a mentira,
contra a injustiça e opressão;
lutamos contra o egoísmo
cantando a forte canção
da solidariedade,
que brota do coração.
Contra a morte, pela vida
lutamos com decisão!
Já no meio da batalha

de nada tememos não,
pois o sonho que sonhamos
é tão lindo, é tão bom
que a vida com ele é tudo
e tudo sem ele é vão.
Se for preciso, morremos
para tê-lo em nossa mão!

Mas enquanto não se chega
à Terra da Promissão
(onde enfim dos novos frutos
todos saborearão!),
marchamos pelo deserto,
olhos fitos no pendão
da Causa que nos arrasta
e nos aumenta o tesão.

E se não vir esse dia
nem ganhar minha porção,
morrerei feliz por ter
plantado a revolução!
(Ao companheiro Lula - 1989)

GARRA

(À Cecília Cavaleiro)

Não me quis o velho pai,
e minha mão não me quis.
Vaguei sozinha no mundo
e por mim mesma me fiz.
Fui crescendo como arbusto:
agarrado na raiz,
não temo chuva nem ventos,
pois nos próprios elementos
a minha força refiz.

Vivi sempre independente,
que a dependência desdiz
de meu feitio e origem.
Ainda pássaro implume,
tentando o primeiro voo,
vi que a vida é um grande risco:
ou me atirava no abismo
ou morria sem voar.
Atirei-me e sou feliz!

A solidão é o ferrete
que me marca toda a vida.
Gaiola que me defende,
é amplidão que me anima
a voar soberbamente.
Não importa a companhia,
só consigo ser sozinha.
Mas sinto dentro de mim
urrar um leão valente.
Segui com muita vontade
os caminhos que tracei.

Livre, feito beija-flor,
por onde quis eu voei.
Indiferente ao que passa,
meus próprios sonhos sonhei.
E, nos momentos difíceis,
não tendo a quem apelar,
para mim mesma apelei.

LITANIA EM LOUVOR DA POUPANÇA

Prudência previdente,
sobra da Parcimônia,
promessa de Abundância,
- Nós te louvamos!

Amiga da Virtude,
espantelho dos vícios,
Prazer que não ilude,
- Nós te louvamos!

Costume do passado,
renúncia do presente,
certeza do futuro,
- Nós te louvamos!

Socorro na penúria,
apoio no naufrágio,
oásis no deserto,
- Nós te louvamos!

Sonho da meninice,
penhor da juventude,
arrimo na velhice,
- Nós te louvamos!

Desfrute retardado,
nada que vale muito,
reserva do salário,
- Nós te louvamos!

Sinal dos tempos bons,
semente do progresso,
troféu da Paciência,
- Nós te louvamos!

06.01.1990

POEMA ECOLÓGICO

Ao ver crianças
felizes pelo Bosque, a brincar
com bichos, na doçura dessa tarde,
e os adultos andando em alamedas,

penso afinal
no dia da inversão definitiva:
à distância, em cubículos fechados,
as máquinas trabalham para nós;

e o novo Homem
vivendo em meio às plantas seculares
caminha em paz, respira novos ares
e presente que Deus está com ele!

07.01.1990

LIMITAÇÃO

Tião, meu pássaro preto,
consegue ainda cantar!
Pula e gira
gira e pula
nos limites estreitos da gaiola.

E vê lá fora
as crianças brincando doidamente,
o imenso céu azul, as verdes árvores
e pássaros, meu Deus, voando livremente.
Volta e pula
pula e gira
e trina, trina, trina
feliz da vida!

Feliz da vida?
Como eu, Tiãozinho!
Preso nas grades da limitação,
avisto ao meu redor a liberdade.
Não importa.
Importa cantar!

07.01.1990

JUDAS MACABEU

“Foi semelhante ao leão nas suas façanhas “ (1Mc 3, 4)

Quem é igual a Judas Macabeu
à frente de seu bando de rebeldes
quando, juntos, a saga heroica escrevem
de um povo que aos tiranos não cedeu?

Irmão de todos, forte entre os mais fortes,
Judas anima, arrasta, avança, e luta
qual leão, confiante; e nas disputas,
se perde, não desiste, até a vitória.

Judas não teme a força do inimigo
- seja Apolônio, ou Górgias, ou Antíoco –
que tentam oprimir a sua gente.

Para ganhar a liberdade enfim
dignidades, poder, riqueza, a vida
tudo ele perde indiferentemente.

(Ao companheiro Aparecido, Presidente do Sitraemfa)

13.03.1990

COMBATENTES

“A vida do homem sobre a terra é um combate” (Jó)

“...a vida / é luta renhida: / Viver é lutar” (Gonçalves Dias)

Meu avô participou
da Primeira Grande Guerra;
logo depois retornou
ao sossego de sua terra.

Meu pai também se alistou
na Segunda Grande Guerra;
mas quando dela voltou
não quis ficar em sua terra.

Combatente eu hoje sou
dessa interminável guerra
do bem contra o mal, e estou
lutando na própria terra.

25.03.1992

ZUMBI DOS PALMARES

Quem nasce na liberdade
sempre livre quer viver
ou na própria, doce terra
ou na terra em que sofrer.
Pois quem é senhor de si
outro senhor há de ter?

Quem gosta da liberdade
sonha com seu povo livre.
E convence seus irmãos
de que escravo não se vive.
E os anima à resistência
contra aqueles que os oprimem.

Quem foi rei na liberdade
na opressão se torna rei.
E na terra de Palmares
Zumbi constrói nova grei:
de quantos eram escravos
cria outro povo, outra lei.

Negros, brancos, índios – livres,
todos em paz vão viver
naquele imenso quilombo
onde os homens querem ser
iguais porque solidários,
sem mais nem menos se ter.

Quem morre com liberdade
pouco importa como morre,
pois a magnanimidade
o faz imortal na história,
e toda a posteridade
honrará sua memória!

Novembro de 1992

ESTATUTO DA CRIANÇA

O Estatuto da Criança
foi um sonho conquistado
por quem não perde a esperança
de ver o País mudado.

Mas por quem tem confiança
o que em lei é assegurado
será com perseverança
em direito transformado.

Respeitando-se a criança
é o cidadão respeitado.

19.06.1993

LADAINHA DA PENITÊNCIA

Em peregrinação até o teu altar, ó Mãe negra, por esta ladainha, nós te pedimos, e de ti aguardamos, perdão pelos quinhentos anos de ingratidão:

1.

Pela antiga liberdade
de que, à força, te arrancamos
em tantas terras da África.
Pelo navio negreiro
onde escrava te atiramos
para ganhar mais dinheiro.
Pelas alegres cantigas
da juventude, caladas
ante o horror da sujeição.
Pela triste via-crucis
que, do mercado à senzala,
sem entender, percorreste.
Por teres, com a vontade,
perdido tudo na vida,
e com ela a dignidade.
Pelo banzo que sentias,
menos da terra distante
quanto pela situação.

Ó Mãe negra, nos perdoa
por tudo que te roubamos!

2.

Pelo pano, pão e pau
com que te recompensamos
o interminável trabalho.

Pela terra delicada
de teu corpo, que a lascívia
do senhor tanto explorava.
Pelos filhos que lhes davas
aumentando o patrimônio
nas numerosas senzalas.
Pelas iaiás e ioiôs
que amamentavas na vida
e acalentavas no sono.
Pela angústia de pensares
na sorte dos próprios filhos,
que nunca iria mudar.
Pela brava rebeldia
de tua gente esmagada
que, no íntimo aplaudias.

Ó Mãe negra, no perdoa
a opressão que te impusemos!

3.

Pela falsa liberdade
que não te deu condições
de viver com dignidade.
Pelos orixás e exus
de quem és a mãe-de-santo,
perseguidos como tu.
Por te havermos afastado
à mais vil periferia
das incontáveis favelas.
Pelo sutil preconceito
contra o qual a tua garra
agora exige respeito.
Pela luta desigual
que encetas o tempo todo

em nome de tua raça.
Pela heroica afirmação
da cultura original
contra a estandartização.

Ó Mãe negra, nos perdoa
E NOS TORNA COMPANHEIROS!
Julho/1993

REENCONTRO

(Aos companheiros do colégio do Ibaté)

1.

Quantos anos se passaram
desde que aqui estivemos:
quarenta anos ou mais!...

Faz tanto tempo, e parece
que ainda ontem nos vimos,
tão cedo a vida esvaece!

E, às vezes, não nos sentimos,
nas mais longínquas distâncias,
viver aqui sempre unidos?

É que um raio de lembrança
nos trazia de repente
aos dias de nossa infância.

E voltamos diferentes
aonde fomos iguais,
então e agora contentes.

Ao exílio e seus ais
ou à terra prometida
tornamos hoje afinal?

Só ao ponto de partida
de nós mesmos – céu/inferno
que tortura e delícia.

2.

Porém, nesse instante (e) terno,
somos feito quem no espelho
se vê com outro reflexo.

Um abismo de silêncio
separa um eu de outro eu,
na memória ainda idênticos.

O espírito estremeceu:
sem personagens de outrora
a cena permaneceu!

Vê-se ainda o Saboó,
e as colinas do Ibaté,
e, ao redor, o mesmo bosque

a defender-te, ó Colégio,
contra os azares do tempo,
o que o tempo nos conserva.

E, no cenário de sempre,
as gentis recordações
vão povoando o ambiente

de personagens, feições
trancadas dentro de peito
como mortas ilusões.

3.

Avisto-vos, companheiros,
vivos ou mortos avisto-vos,
crianças e adolescentes,

a brincar de manuspila,
de vôlei, de futebol,
ou nas águas da piscina.

Na banda tocando polcas
e dobrados no intervalo
dos longos dramas de morte

e conversão do teatro.
No coral cantando Verdi,
e no grêmio literário

a recitar doces versos
e apóstrofes atrevidas.
As matérias mais diversas

estudamos: o latim,
o grego, a literatura,
a matemática, enfim

conseguindo as estruturas
do que somos, nos silêncios
daquela grande aventura.

4.

Vivos e mortos – presentes
na graciosa capela,
ainda ouvimos na mente

os ecos daquelas Vésperas
em cantochão, e das Missas
solenes, e o “Quam dilecta”

da imposição das batinas.
E somos arrebatados
à contemplação divina!

A esses ecos misturadas
ouvimos as várias vozes
de quantos nos educaram.

Se o bom filho à casa torna,
no reencontro com os seus
aos seus valores retorna.

Antes do abraço de adeus
para voltarmos ao mundo
onde nos quer o bom Deus,

cantemos com vozes múltiplas,
cantemos com alegria
o “ Sub tuum praesidium “
ao Coração de Maria.

22.08.1993

CONSCIÊNCIA

“Há muito tempo estou calado...Agora vou gritar...”(Isaías 42, 14)

1

Chega! Chega de silêncio,
ó Mãe! Já sofremos muito
pelos séculos afora!
O silêncio esconde a raiva
mas sufoca nosso grito.
Chegou enfim minha hora!

Vou-me ajuntar com Zumbi,
o bravo herói dos quilombos,
que enfrentou tanta opressão.
Irmão de todos os negros
e dos marginalizados,
deu início à reação.

O senhor mudou de nome
mas continua tirano,
porque o exige o sistema.
Dominator como sempre,
cuida de seus interesses
e nega nossos direitos.

2.

Nós moramos em favelas,
mendigamos pelas ruas,
nas prisões apodrecemos.
Chega de silêncio, ó Mãe!
Precisamos rebelar-nos,
se vida digna queremos!

Nós não fomos libertados
pela pena da Princesa,
que tantas penas nos deu.
Libertou-nos a coragem
de negros inconformados
com o duro estado seu.

Contra o vil chicote, a fuga;
contra a morte, o assassinato;
contra a máscara humilhante,
se necessário, o suicídio.
Por todo canto, a revolta,
cada vez mais triunfante!

3.

Pelo leite e pelo colo,
pelo trabalho incansável
ioiô lhe deu recompensa?
A nova libertação
depende apenas de nós.
Ó Mãe, chega de silêncio!

O que é a consciência
senão o grito da gente
que pelos outros ecoa?
Juntem-se os gritos, e se ergam
para alcançar o objetivo:
do escravo fazer pessoa!

Venha, Mãe, venha comigo
combater por essa causa
- sair da periferia!
Ouça os ecos dos heróis
nos chamando a conquistar
a plena cidadania! **17.04.1994**

PRIMEIRO EMPREGO

(Ao meu filho Leonardo)

Meu pequeno Ulisses
parte logo cedo
para a sua Tróia.

Longe do sossego
da casa e da rua
começa o trabalho.

Soldado valente,
ei-lo a cada dia
na frente da luta.

E por longas horas
enfrenta os problemas,
resolve as questões!

Ao voltar a casa
cansado e contente,
meu filho é herói.

Ostenta orgulhoso
as manchas de graxa
- as próprias feridas.

É nessa batalha,
meu pequeno Ulisses,
que ganhas nobreza!

23.04.1994

SONETO DOS TRÊS IRMÃOS

(Às minhas irmãs Ana e Filipina)

Depois que vós, ó Pais, silenciosamente
partistes desta terra e nos deixastes só,
então provamos quanto ainda estais presentes
dentro do coração de cada um de nós.

Os imortais provérbios que no dia-a-dia
adaptáveis com graça a toda a circunstância
eram joias tão raras de sabedoria
que mesmo agora brilham com sutil constância.

E, quando nos juntamos a lembrar alegres
o exemplo e as sentenças claras de outro tempo,
sentimo-nos de novo à vossa guarda entregues.

Como à luz do farol, na costa já perdida,
se orientam os barcos contra a onda e o vento,
caminhamos seguros pelo mar da vida!

Garça, 08.07.1994

CONSTRUTOR DE PRESÉPIOS

(À memória de meu tio Geppino)

Quando chegava o Natal,
ardia-lhe a inspiração,
e por inteiro o tomava
uma celeste emoção.

Em frêmito, como um louco
de mãos divinas dotado,
construía um mundo novo
com papéis amarrotados.

Erguia montes abruptos
com seculares florestas
e, nos altos cocurutos,
castelos de grandes pedras.

Das mãos brotavam colinas,
das colinas casinholas,
das casinholas das vilas
gente colinas afora.

Eram pastores e reis,
moças, crianças, velhinhos
com galos, porcos, ovelhas
descendo pelos caminhos.

Que lagos pela planície
com vivas águas de espelho!
Branda neve de farinha
caía no mundo inteiro.

E tudo enfim convergia
para a gruta de Belém
onde teu gênio, meu tio,
se concentrava também.

Com que ternura ajeitavas
o Menino Jesusinho
nos aconchegos da palha
entre o boi e o jumentinho!

Porque no Pobre tu vias
a tua própria figura,
e no rosto de Maria
fitavas a formosura

de tua Mãe tão querida
que te embeveceu a infância
com suas graças, e a vida
aqui deixou sem tardança.

Como um deus onipotente
por fim enchias de anjos
e de estrelas reluzentes
o espaço de teus encantos.

E, ao contemplar o presépio,
tinhas sempre a sensação
de haver recriado a terra
conforme teu coração!

Dezembro de 1994

ANGELUS

Cai a tarde nos altos da colina,
enquanto o sol se põe por trás do monte
Saboó, e um silêncio, do horizonte
se espalha sobre tudo qual neblina.

Quando no céu a estrela vespertina
desponta com seu brilho intermitente,
no pátio do colégio de repente
ouvimos uma música divina.

E logo os jovens nos unimos ledos
a toda a natureza e aos anjos santos
para render à Mãe nossos tributos.

E céu e terra permanecem quedos,
envolvidos em místicos encantos
na curta eternidade de uns minutos.

Marília, 12.07.1995

A CASA DE DONA OLGA

Tua casa é um templo?
Sinto o perfume do incenso
quando passo por ali.
Subam a Deus essas preces
que dia e noite ofereces
por quem se dirige a ti.

Tua casa é um refúgio?
Para o aflito que a procura
em sua necessidade
abertas estão as portas
e estendes mão amorosa
com meiga suavidade.

Tua casa é um mirante?
Dali vêes a todo instante
o mundo que, na avenida,
corre ou passa assim à toa.
Mas respondes, Alma boa,
ao aceno que te envio.

Tua casa é teu mundo
- mirante, templo, refúgio –
onde vives solitária;
um oásis pequenino
para todo peregrino
que acolhe mão solidária!

(À meiga dona Olga)

21.07.1995

POEMA AO PEQUENINO CÁSSIO

O pequenino Cássio é
uma chama bruxuleante:
pode ser apagada até,
mas pode também ser gigante.

Todos devemos protegê-la
com a concha de nossa mão,
para que essa chama só cresça
e seja no mundo um clarão.

Com essa fé embala a Vida
a solitária mãe, e o povo,
e a autoridade constituída:
o mundo começa de novo!

24.07.1995

APELO AO LEITOR

Minhas páginas, leitor,
são casas, ruas e templos,
oficinas e teatros,
onde pululam os sonhos
que os escritores sonharam.

Como você, quanta gente
palmilhou por essas terras
com a suave emoção
de quem descobre as cidades
desconhecidas e belas.

Sou antigo, sou moderno,
pequenino ou volumoso,
porém, útil sempre sou.
Se você de mim precisa,
nas prateleiras estou.

Eu consolo na tristeza,
nas aflições eu ajudo,
provoco muita alegria
a quantos tratam comigo
no silêncio da leitura.

Uso e tempo enodoaram
as folhas que suas mãos
com cuidado manuseiam.
Assim vou envelhecendo
mas não as minhas ideias.
Foi por mim que da barbárie
se passou, com muito esforço,
para a civilização

que vai libertando os homens
da ignorância e da opressão.

Você tem sede, sou fonte,
uma fonte de águas vivas.
Sou comida, se tem fome,
alimento consistente.
Há, porém, outros convivas!

Todo livro é sempre um bem
que pertence à humanidade.
Não é seu nem de ninguém,
mas inteiro há de ser dado
para proveito de alguém.

Não seja, leitor, não seja
como os vândalos antigos
que arrasavam as cidades.
Quem me risca ou rasga folha
deixa aos outros só ruínas!

**(Pelo cinquentenário da Biblioteca Municipal de Garça)
1995**

HEROÍSMOS

“Em relâmpagos os bárbaros
no espaço.
Passo a passo os tímidos
no tempo” .
(Henriqueta Lisboa)

Enquanto Ulisses, longe, se aventura
em busca de glória vã,
a tímida Penélope,
no circunscrito mundo de sua casa,
vai tecendo seus sonhos,
e constrói outro heroísmo.

Ela espera em silêncio quem não vem;
faz, desfaz e recomeça,
fiel e paciente.
Não se entrega jamais aos pretendentes
que, com bajulações,
tentam em vão conquistá-la.

Um dia, Ulisses vem de volta, exausto,
desiludido de tudo,
de todos abandonado.
Tem certeza, porém, de achar em casa
a acolhedora Penélope,
junto de quem é feliz!

(À minha esposa Judite)

OBRAS DE ARTE

Pelas paredes da casa
de Beatriz
quantas janelas se abrem
para artísticas paisagens!

Os quadros da pequena pintora
- marinas, montes, rios,
igrejas barrocas, flores –
nos põem diante dos olhos
um indizível deleite!

21.03.1996

CENA DE SALA

Na sala, enquanto os adultos
conversam do dia-a-dia,
concentrada no seu livro,
a linda menina voa
nas asas da fantasia.

Enquanto escuto (e que jeito!)
as coisas banais, na sala
meus olhos seguem os sonhos
daquela linda menina
que lê seu livro e não fala!

03.11.1996